



MARTINS, José Pedro. Ciência e violência. Correio Popular, Campinas, 11 maio. 2003.

ANÁLISE

JOSÉ PEDRO MARTINS



Ciência e violência

A muitos causa espanto o fato de que Campinas consegue reunir um dos mais importantes pólos científicos e tecnológicos do Brasil, e também insuportáveis índices de violência. Recuperando a linha de reflexão de pensadores como o argentino Ernesto Sábató, uma das causas da epidemia de violência nos grandes centros urbanos é justamente o excesso de ciência e tecnologia na sociedade industrial.

Se a ciência e a tecnologia (C&T) vieram para libertar o ser humano das amarras dos preconceitos e da ignorância, o fato é que a dimensão assumida por elas ultrapassou a medida do próprio ser humano. C&T, colocadas a serviço do Deus dinheiro, ficaram fora de controle e o ser humano foi desumanizado. Daí para a violência, que é a negação da condição humana, faltaram alguns passos.

Sábató produziu suas interpretações no calor do impacto da 2ª Guerra Mundial, que consagrou o extermínio em massa pelo uso de tecnologias muito eficientes na desarte de matar. Mas são pensamentos que podem ser muito bem aplicados agora, em que os avanços tecnológicos são ainda mais rápidos e avassaladores. Quem imagina hoje ficar sem e-mail ou celular?

Não se trata, claro, de negar os avanços científicos e tecnológicos, que podem ser realmente liberadores, mas a questão é: como colocar a ciência e a técnica na escala humana. Como evitar que C&T deixem de ser os novos fetiches, os novos mitos incensados pela humanidade atônita diante de uma invenção nova a cada dia, saudada com loas nos horários nobres da TV?

Levar a C&T da universidade, às vezes encastelada sobre si mesmo, para o dia-a-dia sofrido da população foi justamente a grande inquietação que marcou o 3º Encontro Comunidade Saudável, realizado nesta semana na Unicamp, como fruto de um projeto em parceria entre a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da universidade e o Instituto de Pesquisas Especiais para a Sociedade (Ipes), e que vem contando com o apoio importante da Secretaria Municipal de Saúde e de entidades como o Serviço de Saúde Cândido Ferreira e SOS Ação Mulher, entre outros envolvidos.

Uma das perguntas feitas durante o encontro foi sobre como realizar a chamada intersectorialidade, ou seja, como aproximar as ações das áreas de Saúde, Educação, geração de renda e meio ambiente, com o propósito de construir a tão sonhada comunidade saudável e o cidadão integral. Ora, a separação das ações é outra consequência da excessiva cientificização da vida, vale dizer, do excesso de racionalismo e desumanização da ciência.

É muito significativo, então, que o esforço de aproximação da academia dos dramas concretos da população de baixa renda esteja sendo conduzido em Campinas, uma das cidades que mais foram vítimas do excesso de C&T no mundo contemporâneo. Também é expressivo que participem desse esforço entidades como Cândido Ferreira e SOS Ação Mulher, que praticam um dos conceitos mais caros ao Movimento Comunidade Saudável, que é o de ver a Saúde como algo mais do que a ausência de doença, mas como sinônimo de equilíbrio físico, espiritual, cultural, social e ambiental. Se existem espaços onde a intersectorialidade já é praticada, são as organizações da sociedade civil que têm feito trabalho impressionante em Campinas. Quem sabe não estejamos vendo, nessas iniciativas somadas, sinais de esperança no fim da barbárie na cidade orgulhosa de seu patrimônio científico e tecnológico?